



Obs.: O trabalho físico conta com impressões em papel branco e vegetal em sobreposição, sendo a escrita preta em papel vegetal e a escrita cinza em papel branco.

NATHALYA LUIZA ROCHA MARINHO

INQUIETA:
PASSAGENS, ENCAIXES, ESPAÇOS

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Artes Gráficas.

Orientadora: Conceição Bicalho

BELO HORIZONTE, 2017

“Quem do mundo a mortal loucura cura...”

Gregório de Matos

Sumário

Capítulo I Inquieta

Capítulo II Caixas de Memória

Capítulo III Caixas dentro de caixas

Capítulo IV Encaixe\Processos e Conclusão

Introdução

A temática fantasiosa, viva, colorida, que apresenta o real de maneira inusitada, o encaixe das coisas entre si em relação ao tempo, espaço e materialidade, motivam o desenvolvimento do meu trabalho. Paralelamente a essas ocorrências me vejo curiosa com o mundo em toda sua amplitude; Devido à maneira limitada a qual o enxergamos, não nos é ofertado à priori a percepção das coisas em suas possibilidades. Penso que a realidade é infinita, assim como o espaço-tempo; O mundo ao que nossos olhos têm acesso é um fragmento de um todo, então por que se atentar a apenas uma possibilidade, enquanto nós desconhecemos nosso próprio fim?

O fim pode ser o começo de um novo ciclo, dependendo apenas do ponto de vista que se é observado. Uma caixa à primeira vista é naturalmente uma caixa, um objeto acondicionador, simples e “quadrado”, entretanto, *inquieta* o que existe dentro dela, o que pode existir, o que ela guarda, o que suporta, condiciona, acondiciona; É possível haver dentro da caixa algo maior que ela? Caixas quadradas, retangulares, mágicas, triangulares, redondas, altas, baixas, grandes, pequenas, espelhadas, sonoras, sem fundo, sem tampa, múltiplas, existem infinitas possibilidades de um objeto se desdobrar e se conter em outros.

Quanto mais nos aproximamos de um objeto mais detalhes podemos observar nele, e quanto mais profundo, mais desconhecido seu limite, como as fibras de um tecido vistas pelo microscópio, ou as células de um corpo, o pequeno dá origem ao grande, como uma semente plantada, que desaparece em meio ao todo após desabrochar. O mundo examinado em suas miniaturas, em suas frestas e deixas, expande a imaginação, a consciência. Me interessa ver além do limite primeiro das coisas, descobrir mundos dentro de mundos, e compartilhar essa possibilidade.

Gratidão

À minha família

Andreia e Harley,
Sônia e Paulo Rocha Elvina e Bernardo Marinho
Anderson
Gabriel
Manuela
Paulo

Aos amores

Izabel Jéssica Isabela Tchuquinha
Pedro Helen Conrado
Matheus Poliane Ana L. Débora Selina
Ana Giovanna Elias
Miguel Rafael

Aos professores

Marcelo Conceição Alexis Elisa



PALAVRAS Olha Sentir Dualidade Desdobramento Variação Bagunça Movimento Mistura Ciclo

Recorte Mudança Relatividade Transformação Caixa Vagar Conteúdo Cabimento Linha

Resignificado Significado Descoberta Imaginação Novo Observação Transcender Lugar Encaixe

Limite Imagem Objeto Sentido Mundo Miniatura Espaço Tempo Desencaixe Inquieta Forma

Criação Ambiente Fora Dentro Fim Continuidade Começo Além Tudo Nada Lupa Foco Busca CHAVE

Memória Passagem

Apresentação

Quando tento acessar minha memória mais antiga, remota me pego numa rede, emaranhado de lembranças em que me vejo externamente, como em uma foto de quando era bebê. Logo percebo que essa lembrança não é minha memória mais antiga, mas minha imaginação, agindo o mais longe possível, interagindo e mantendo a memória viva, interativa. Consequentemente fazendo parte do mecanismo que possibilita a própria vida, tendo em vista que uma história de vida não existe se ela não for lembrada, uma pessoa ao perder a memória não sabe quem é. A memória integra o mecanismo existencial da vida, e a imaginação integra o mecanismo existencial da memória. Dentro dessa pequena experiência, percebo a dimensão da imaginação e seu valor, como um fio condutor que interliga todas as coisas em sua amplitude e infinitade, relativamente ao que chamamos de realidade. A imaginação é uma porta de acesso, uma passagem que vaga em meio ao tempo e espaço

Sem datas exatas, mas desde que eu me lembro de começar a entender as coisas, vejo a realidade possuidora de padrões. Atribui-se e comprovam-se características a ela, que a torna e a permite ser compreendida de maneira estrita em todos os lugares. Portas, por exemplo, são significadas e compreendidas como portas (do dicionário: por·ta (latim porta, -ae). Substantivo feminino. Abertura para entrar ou sair. Peça que fecha essa abertura. Peça idêntica em janela, armário, etc. [Figurado] Entrada; acesso; admissão. Solução, expediente. Espaço estreito e cavado por onde passa um rio) onde quer que se vá, perante suas características físicas, materiais e utilitárias. O mesmo vale para toda a matéria existente no universo, seres animados e inanimados. Contudo, é sobre a percepção da imaginação perante o mundo que chamamos de real, sobre o exercício do olhar, do

sentir, a ponto de expandir a consciência, as experiências, as possibilidades; Que por várias vezes passam despercebidas perante as nossas condições de vida real, que me interessa pensar aqui. Na fração realidade x imaginação, a mesma porta que serve de passagem de um cômodo de uma casa, para outro cômodo na mesma casa, pode ser também a passagem entre dois mundos

A realidade enrijecida, padronizada, que nos é naturalmente apresentada pelo dia a dia, limita, condiciona a imaginação liberta. Penso que a realidade é infinita, assim como o espaço tempo. Compreendo o mundo ao que nossos olhos físicos têm acesso como um fragmento componente de um todo universal do qual se desconhece o fim. Desejo compartilhar, investigar e instigar percepções possíveis mediante a imaginação. Ao observar um ser, ou um objeto, desvincilhando-se do usual, do convencional, poder ressignificá-lo.

Pensando sobre como expor visualmente minhas ideias, sobre a dualidade nos objetos, no espaço, sobre contenção e expansão, encontrei no objeto 'caixa', assim como nesta escrita um lugar. Assim como o mundo, em minha visão, a caixa representa um fragmento. Ela pode se desdobrar e acondicionar diversos tipos de coisas, inclusive abstratas. É como o mundo visto de fora. Pela abóboda celeste o olhar vem de dentro; Dentro dessa caixa do mundo existem milhares de mundos em menor escala, e fora dele outros milhares de mundos em maior escala. Nós estamos situados em meio a esse todo, esse conjunto de sistemas. A imaginação pode assim, nos levar a lugares impossíveis de se chegar perante a realidade física.

Caixas de memória

Quando nos ofertamos a possibilidade de olhar para as coisas com calma, observar as pessoas, os objetos, o mundo em sua amplitude, em seus detalhes, transformam-se suas miniaturas e suas grandezas, deixando-nos perceber coisas novas, podemos exercer a criação. Nos deslocamos assim do limite, da condição. Lembrando algumas palavras de Bachelard, “A miniatura é uma das moradas da grandeza.” p.298

Dessa forma, comprehendo as caixas e seus conteúdos diversos, presentes neste trabalho visual\textual, como uma possibilidade interativa de interpretação do espaço, do exercício da imaginação. Olhar dentro e fora da caixa, retirar sua tampa, toca-la, é executar uma ação para perceber o objeto além de seu limite ótico material. A caixa pode conter simultaneamente, *paralelamente* algo abstrato e material, maior e menor que seu espaço físico delimitado. Mas para que se possa perceber isso, é preciso desviar-se do senso comum e redescobrir a caixa, o objeto. É necessário *imaginar*, *olhar*, *tocar*, *sentir*, *transcender*. Da mesma forma é o mundo. Um objeto pode tornar-se então, para além de sua utilidade, materialidade, uma memoria, uma sensação, um devaneio, uma percepção, uma criação, um sentimento, um ponto de partida, um desdobramento de si mesmo. *O mundo se encaixa na interlocução das coisas e dos sentidos* Dessa maneira a caixa torna-se um lugar, um campo ao mesmo tempo físico e abstrato

Se comparados e agrupados, nota-se que os objetos desse estudo, presentes neste trabalho, apresentam conteúdos completamente diversificados. Sendo assim uma espécie de analogia; Essencialmente, fragmentos contendo fragmentos. Um pequeno exemplo, perante a infinidade que desconhecemos, de que podemos compreender o espaço, os objetos, os seres, para além do usual. É uma proposta para o exercício do olhar, do *sentir*, *examinar*, *imaginar*.

Cresci em volta a dualidade da casa e do trabalho. Preciso contar um pouco da história desse lugar, para falar da minha própria.

Meu avô se mudou de sua cidade natal Paraopeba \ Belo Horizonte, no intuito de construir uma vida melhor, diante da maior possibilidade, e qualidade de trabalho. Aqui ele permaneceu como tipógrafo, trabalho que exercia desde os 11 anos. Algum tempo depois veio minha avó. Os dois

e
r
g
u
l
h
a
r
a
m na construção da Gráfica

Marinho juntos,

junto a casa onde moravam.

Entre petiscos mariscos, o negócio rendeu frutos.

Estabilizou-se e perdura até hoje.

Tiveram dois filhos.

HARLEY orbitava,

Casou-se com ANDREIA.

Fui filha única
desse sistema durante 16 anos. Onde gráfica e casa

configuravam um ambiente indistinto da infância

GRAFI CASA TAL QUAR
AA SA Quarto QUARTO N
G L BANHO BANHO
E QUI
M A2 COZINHA gRAFIQUINHA

Quando criança, minha mãe passava cola vermelha na palma da minha mão, esperava secar e depois puxava aquela camada estranha, e dizia que era pele de monstro. Ao mesmo passo que usava restos de cartolina colorida da gráfica para fazer varinhas mágicas.

Entre o meio tempo do trabalho e do café, passando pelo quintal, tio ANDERSON brincava comigo. De carro, eu passeava. Ele, fazia entregas.

Lembro-me de brincar com os tipos moveis metálicos. **Construir** casas, pontes, com as guarnições que serviam de espaço na chapa de gravação. **Olhar** para as maquinas e enxergá-las como monstros. **Fazer** dos corredores labirintos. **Desenhar**, pintar, escrever, rabiscar, dobrar, as sobras de papel para construir objetos. **Forjar** armas usando as fitas da guilhotina. **Ouvir** o som do maquinário e entender ritmos, como se fosse uma melodia executada por uma banda de máquinas. **Criar** chuva e neve com as bolinhas de picote. **Inventar** meios de transporte usando caixas. **Usar** purpurina para fazer o pó mágico das varinhas. **Sentir** o cheiro de cada material da gráfica de olhos fechados e me imaginar em outros lugares. **Brincar** de trabalhar, ajudando dona ELVINA e Seu BERNARDO nos afazeres da casa e da gráfica.

Paralelamente ao apreço que me parece natural pela arte, meus pais, meu tio, meus avós, me cediam gentilmente esse lugar como um todo, que se tornava um campo extremamente fértil para minha imaginação.

Naquela época qualquer tipo de desenho me interessava. Histórias em quadrinho, charges, ilustrações, revistas, jornais, livros, embalagens, propagandas, grafites, pinturas nas ruas, placas em geral desenhos animados, filmes.

Em *Branca de Neve e os Sete Anões*, na versão de Walt Disney, a princesa ao fugir assustada, atravessa uma floresta, que se transforma aos olhos dela. Galhos viram mãos, troncos viram crocodilos. É uma projeção da imaginação.

Logo após, ao encontrar e adentrar a pequena casa dos anões, desconhecendo aquele lugar, ela se diverte ao perceber os comuns objetos de casa em miniatura e imaginar quem são os moradores daquele lugar.

Em *Toy Story*, filme também produzido pela Walt Disney, os brinquedos ganham vida. Ao contrário de branca de neve, por este ponto de vista, os objetos se tornam gigantes. Um balde se torna um palanque. Um vaso de plantas se torna uma floresta.

Ver o mundo sob outra perspectiva, ressignifica o cotidiano, a própria vida.

Reproduzia e criava desenhos sobre as ideias que rondavam minha mente. Sentia que estava descobrindo e criando um mundo, ou até mesmo vários.

Me sentia livre.

Caixas dentro de caixas

Percebo minha casa como um primeiro tipo de caixa

Existia ali uma grande diversidade de materiais e objetos.

A casa guardava os quartos, que guardavam armários, que guardavam gavetas, que guardavam coisas.

Em época de descoberta, de criança, eu habitava a casa quase que como um parque de diversões. Me surpreendia com as Coisas guardadas que não eram contemporâneas a mim, como as ferramentas, objetos que não sabia a que eram destinados. Com brinquedos que foram do meu pai, com todas as Coisas que não eram minhas, que me pareciam pertencer a outro universo.

Era como ter contato com algo transcendente. Imaginar era estimulante.

Uma segunda caixa se abriu na cidade

Na adolescência, levando comigo a memória de casa, das descobertas, experiências, desdobramentos, percebi a cidade como uma grande caixa guardando varias caixas menores.

Saí de casa para descobrir a cidade. Eu c a m i n h a v a .Caminhando encontrei um prazer.

c é u

o espaço

Observando as coisas, as Placas,

os pos fios
t na paisagem
fios s e
a a s

Carros C s as plantas . Os objeTos, PrÉdios, asFormas da cidaDe. P e \$ s O a s r u a s . . . Nesse exercício espontâneo, passeando pelo espaço, percebia o limite da linha do horizonte se desdobrando a cada passo. Meus olhos enxergavam até certo ponto, porém a cada adentro no espaço, novas situações se revelavam. O tempo c o r r i a a mexendo com as folhas, com as luzes, passava pelas pessoas.

Eu olhava ao

r e d
e f

sentia o ambiente muito maior que eu, tão grande que meus olhos não conseguiam acompanhar. Ao mesmo passo que via um inseto no chão e me sentia muito maior que ele. *parte interativa de uma cadeia de acontecimentos* Comecei a pensar sobre o limite das coisas. Sobre o que acontece dentro do formigueiro, sobre o que existe no íntimo de uma célula, sobre o quanto grande o planeta é para nós, ao mesmo passo que dentro do universo ele se torna minúsculo. Comecei a desconstruir os limites. *imaginando podia ir onde quisesse* Olhando uma mancha na parede, por exemplo, podia construir uma paisagem, reparando um detalhe num quadro criava outra cena, outra história para aquela imagem. Interagindo, tocando, sentindo um objeto, imaginava novas utilidades, conceitos e situações para ele. Me vi então, situada em meio a incontáveis mundos, materiais e abstratos, de maior e menor escalas. Entre a correria do meu dia a dia de responsabilidades, nesse exercício, nessas percepções, descobri possibilidades, habitei novamente o frescor das descobertas, o prazer da imaginação, da criação. O vagar nos permite prestar e propor maior atenção às coisas ao redor de nosso espaço.

Penso com

“Quantos abrigos encaixados uns nos outros verificaríamos, se registrássemos, em seus detalhes e em sua hierarquia, todas as imagens pelas quais vivemos nossos devaneios de intimidade. Quantos valores dispersos poderíamos concentrar se vivêssemos, com toda a sinceridade, as imagens de nossos devaneios!”

Bachelard

Passagem. Portal. Transcendência. Ir de encontro a... Habitar novas dimensões

Há uma terceira caixa se abrindo

Percebo-a como a própria vida.

O passar dos anos traz consigo a liberdade de ir cada vez mais longe de casa.

Conhecendo outros lugares, cidades, lendo livros, visitando
os pensamentos escritos de outras pessoas contemporâneas e não contemporâneas a
mim, Com Llansol outros espaços, poéticas Com cretistas
compreendi a infinidade do universo que habitamos

Acompanha-se a observação de C. G. Jung em Bachelard sua poética
o problema da casa

“ Temos que descobrir uma construção e explicá-la: seu andar superior foi construído no século XIX, o térreo data do século XVI e o exame mais minucioso da construção mostra que ela foi feita sobre uma torre do século II. No porão, descobriram fundações romanas e, debaixo do porão, acha-se uma caverna em cujo solo se descobrem ferramentas de sílex, na camada superior, e restos da fauna glaciária nas camadas mais profundas. Tal seria mais ou menos a estrutura de nossa alma.”

Ao presente de nossa realidade,

temos acesso a fragm entos da história
e do espaço ,
constituintes de um

todo, O qual se Desconhece o fim e o inexato do
início

Em continuidade à problemática, indagações, projeções,
mais um novo passo em expansão,

no campo aberto do universo

Na Escola de Belas Artes estive em contato com formas diversas de produzir arte, a
linha continuava a se expandir

Técnicas, materiais, artistas, histórias, pessoas, experiências, pontos de vistas,
o encaixe das coisas diante de novas possibilidades visuais.

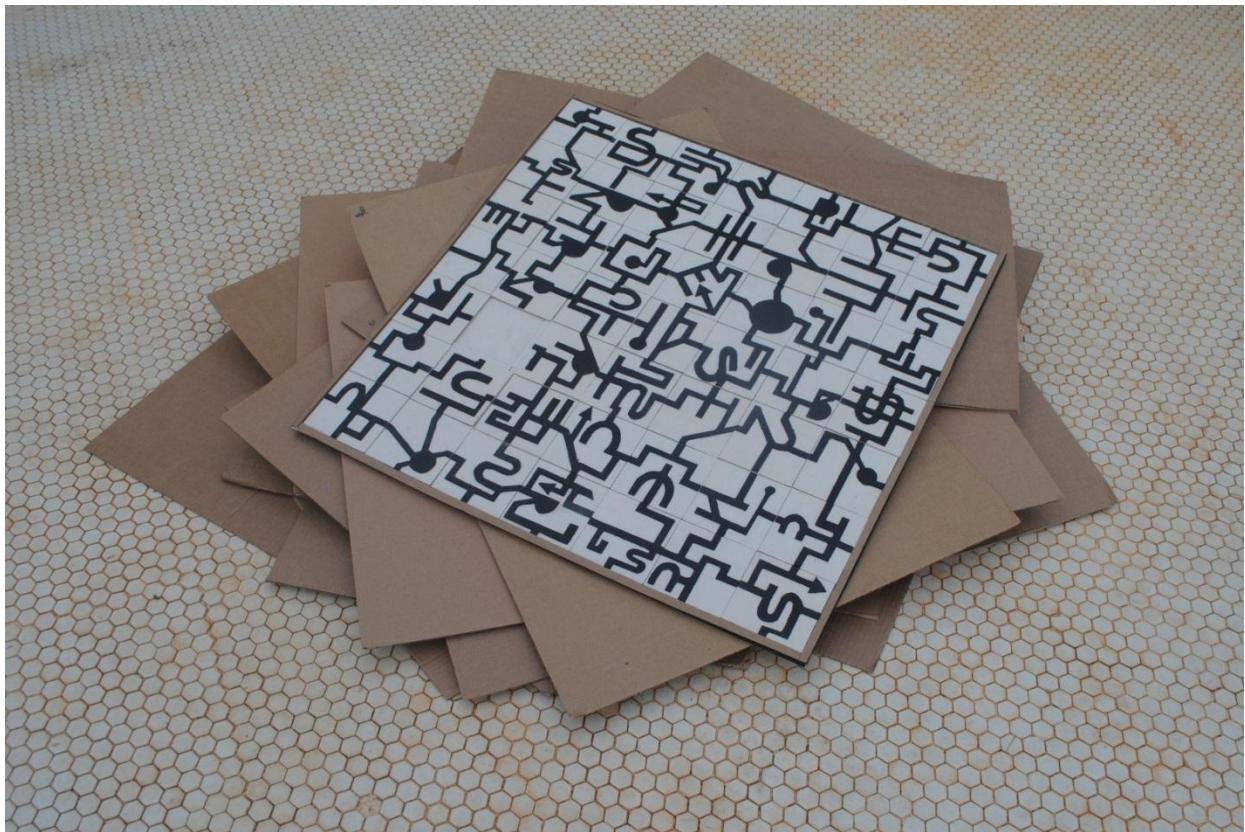
formas de expressão
para

ideias que há muito habitavam minha mente.

Meu espaço se misturou

a Universidade

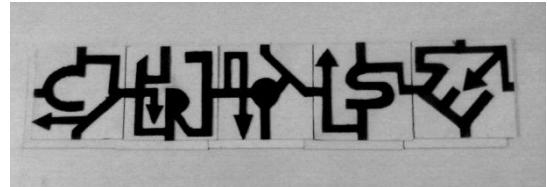
Trabalhos



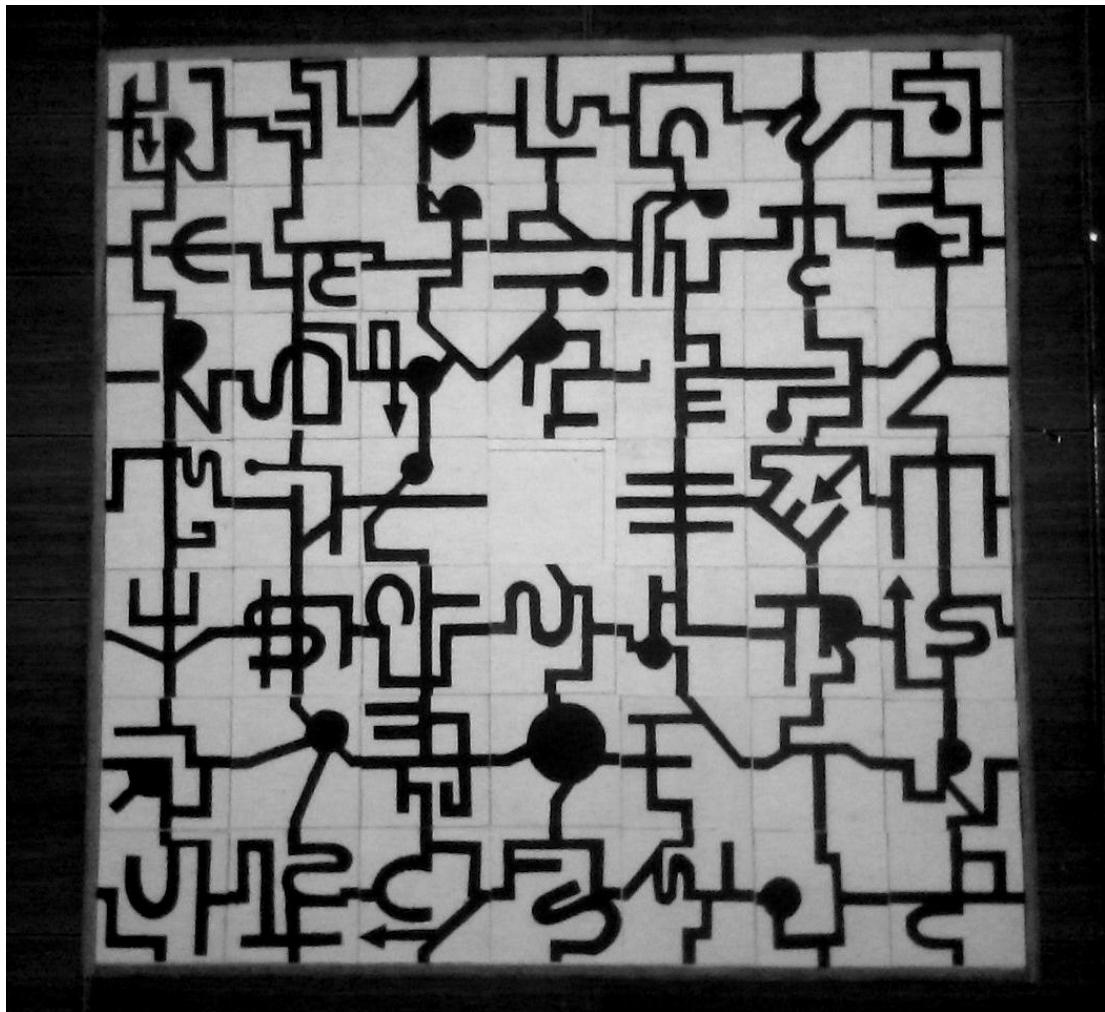
Crise – 2014

Paraná\Papelão

Nathalya Marinho

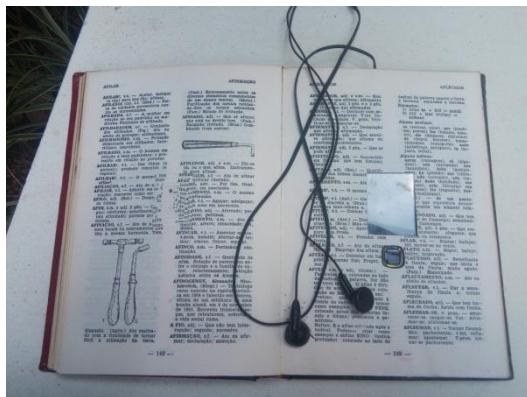


As peças se movem e se encaixam de qualquer forma, criando uma nova configuração a cada interação com o objeto.



amarte

prometo a marte, apenas e só a marte
irremediavelmente a marte e nada mais
a marte irei, e nunca voltarei
prometo a marte como nem a morte
vivo na sorte
e só posso a marte
inxplicavelmente a marte
simplesmente a marte
só consigo e só quero a marte
prometo a marte
a marte
e a nenhum outro planeta



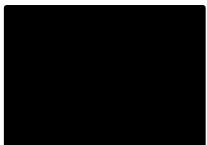
amarte – 2015

Intervenção

Nathalya Marinho

O poema amarte, de minha autoria, pode ser ouvido através dos fones conectados ao dispositivo dentro do livro. As páginas anteriores incluem intervenções artísticas.

Ao longo da minha pesquisa e prática na universidade, encontrei diversas possibilidades de encaixe entre os objetos, as palavras e as imagens. Desenvolvi grande parte da minha produção em torno dessas formas. O trabalho *En caixa* se iniciou durante o Ateliê 3, a fim de expor uma forma visual de instigar percepções sobre o mundo, sobre seus encaixes, formas, miniaturas, grandezas, cabimentos, desdobramentos, curiosidades. Na busca de maneiras de se perceber o espaço, encontrei no objeto caixa um lugar. Adentrei as caixas, como um fragmento do mundo. A caixa opaca, fechada, não transparece seu conteúdo. É necessário abri-la, investigá-la.



Durante o ateliê 4, em comunhão com a execução do presente trabalho de conclusão de curso, dei continuidade a investigação das caixas. O trabalho *Encaixe* desdobrou-se então a partir da execução de um movimento desdobrado ao trabalho *En caixa*, ao planificar as caixas, a fim de redescobrir a forma.

A caixa fechada é
um campo aberto
de possibilidades

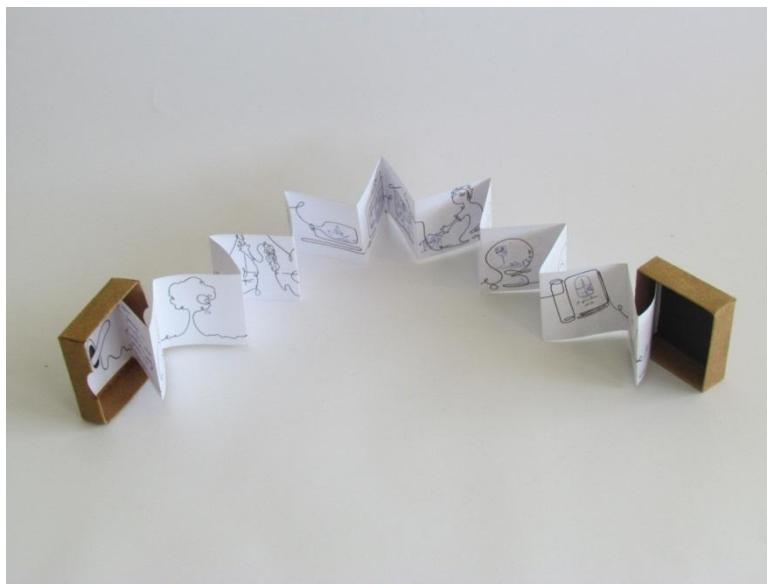


En caixa

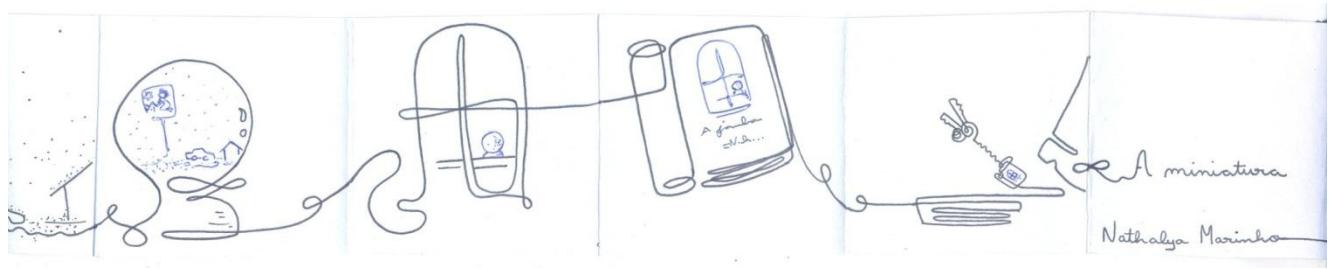
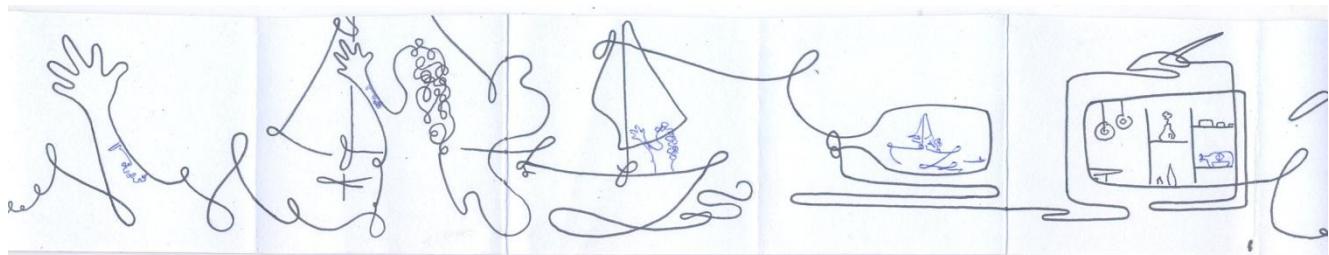
Caixas e objetos diversos

2017

Nathalya Marinho



O olhar é infinito, uma cena pode conter mais do que se mostra a primeira vista. A ligação entre os seres, o cabimento, a escala, a imaginação, os fragmentos.



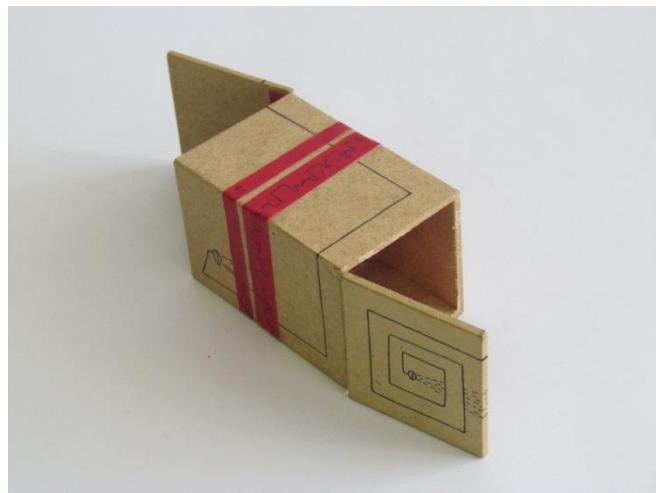


do universo, mundos, passagens.

Flutuamos em meio a fragmentos.



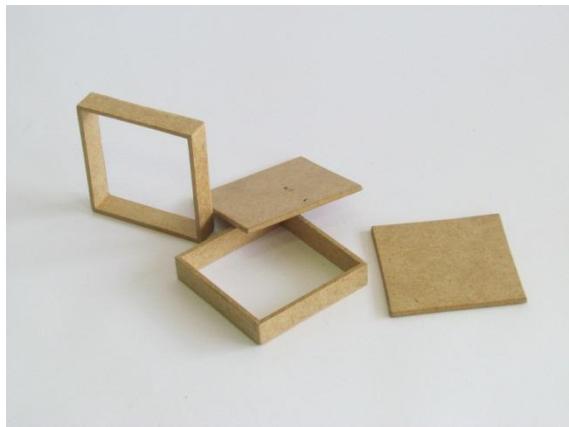
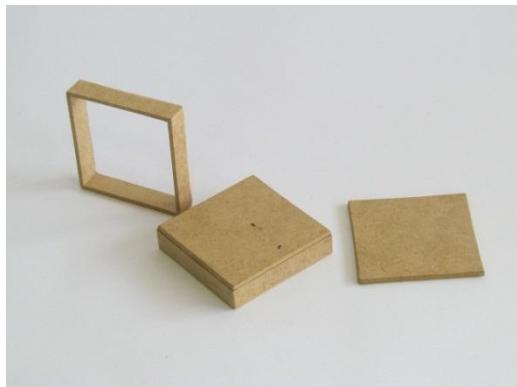
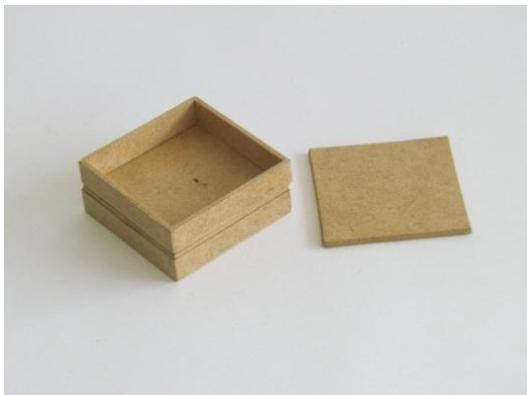
Paisagens abstratas. A matéria é palpável, é real, a imaginação transcendental.



Dualidade infinita do universo.

Um objeto pode conter algo "maior" que ele

Mundos dentro de mundos.

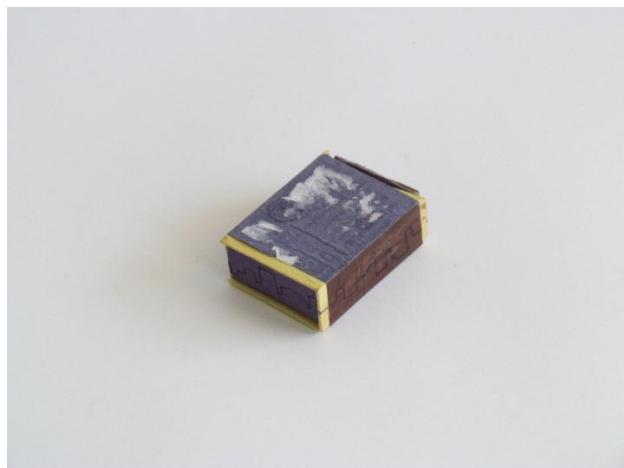


Um objeto pode se desdobrar em outros de maneiras diferentes. O nada encaixados

a forma no mesmo

e o todo

Compreendido espaço.



A vida é

Passagem

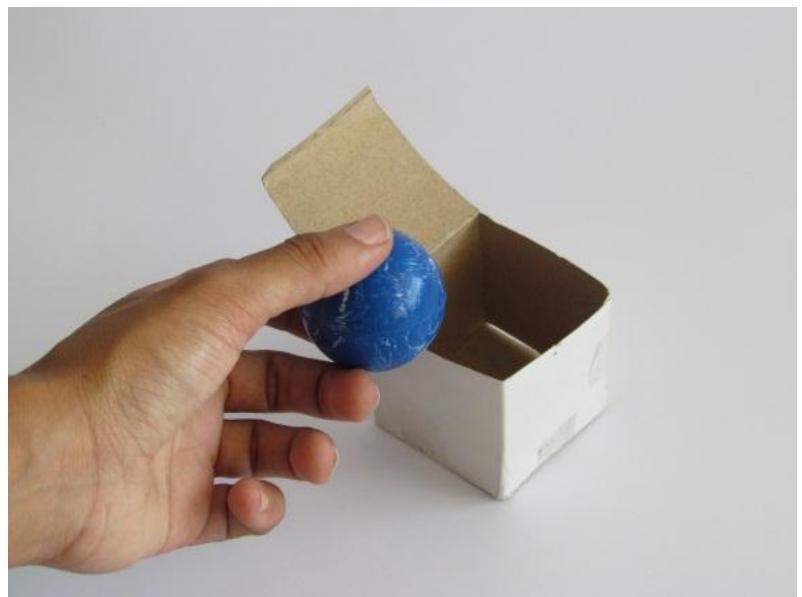
Queimam e apagam.

Vivem e morrem.

Caixa chamada cidade.

A caixa acondiciona

A vida.



alg um mundo.



tesouros

,

possibilidades

caminhos

aberturas

chaves são





Dualidade Ressignificação
Vejo paisagens

Imaginação
em conchas

Encaixes

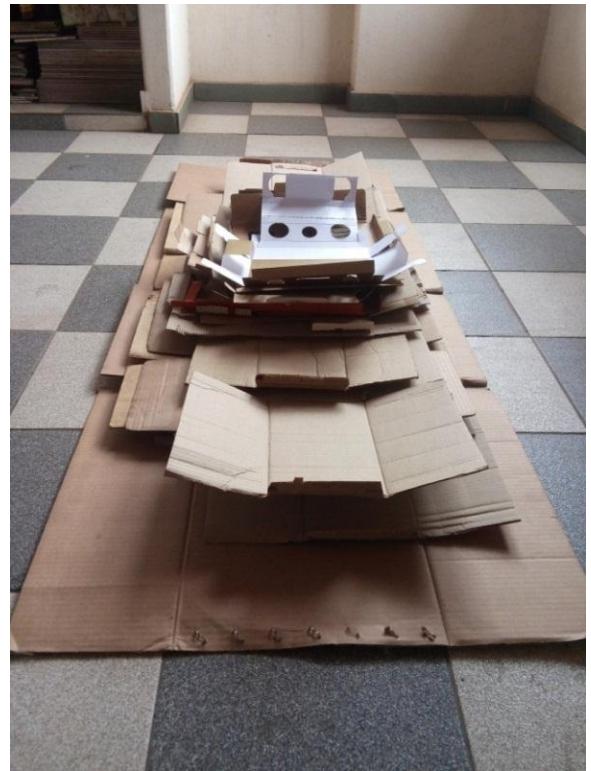


ENCAIXE

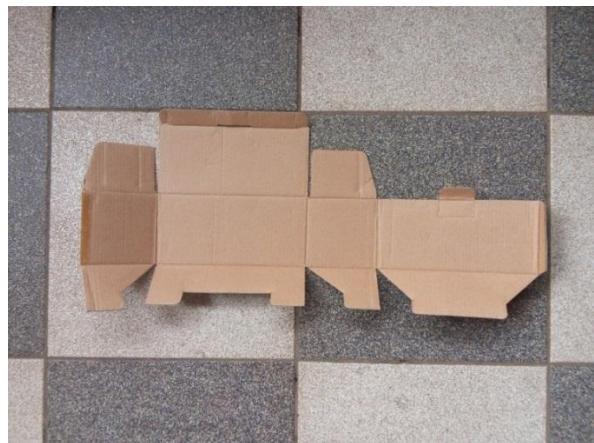
Processos



Ao abrir a caixa, encontrei
outra possibilidade de compreensão.
Desmontando-a e planificando-a,
ela se desdobra perante sua
própria forma.
A investigação do material e de seu formato
expande sua contenção, abrindo diversos
campos de significado para um mesmo
objeto.

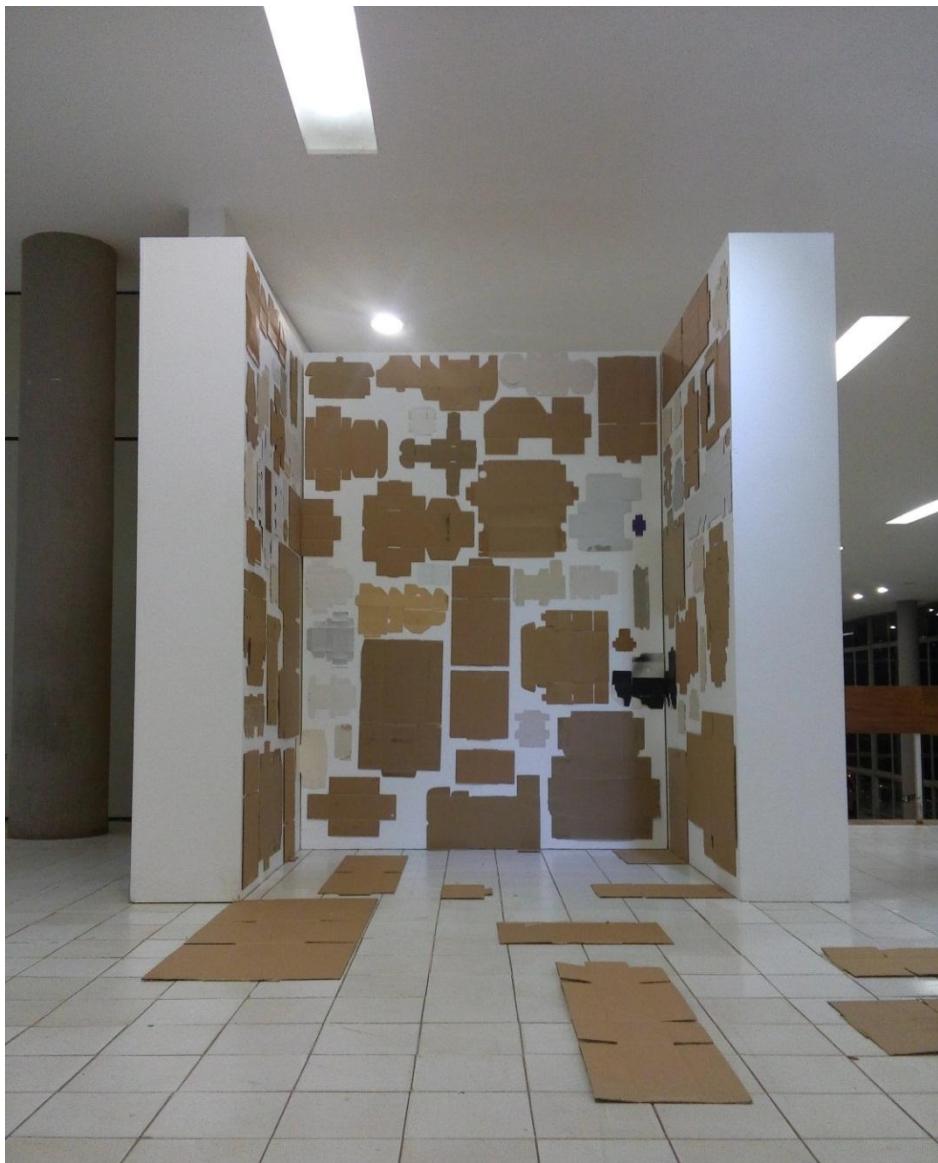


Desdobramento









Encaixe

Nathalya Marinho

Intervenção

2017





Conclusão

O processo de escrita deste trabalho se mistura a sua própria visualidade. Identifiquei a necessidade de uma composição por fragmentos para expor percepções sobre o espaço que nos cerca, e de um memorial sobre de onde vem, e os caminhos por onde passaram a construção dessas ideias. A memória dessas percepções são intensamente provenientes da forma como cresci, da vivência na cidade, na universidade. Encontrei inspiração nos espaços de Llansol, escritora de gênero singular, como se lê em nota biográfica, incluída na edição brasileira de Um falcão no punho:

“Na literatura portuguesa contemporânea, a obra de Maria Gabriela Llansol destaca-se com um perfil avesso à representação dominante no romance e a todas as formas de ortodoxia. Escrito sob o signo da ruptura, o seu texto estrutura-se de forma não linear e não sequencial, gerando frequentemente fulgurações, ou “cenas-fulgor”, que traduzem a descontinuidade temporal, a preferência pelo fragmentário e a experiência da metamorfose e da vibração do vivo originalmente postas em linguagem.”

E também nas poesias concretas, de Augusto Campos e Haroldo Campos. A arte da palavra foi predominantemente marcada pela escrita linear e pelos livros como suporte. No entanto, no inicio do século XX o concretismo rompeu com essa tradição, criando novas formas de composição poética pelo espaço do texto, e contribuindo até os dias de hoje para o desenvolvimento da linguagem. Inclusive, tomando espaço nas artes visuais e no campo da música. O diálogo que se cria entre as formas verbal e visual, amplia e potencializa o sentido dos signos e do fazer poético. Lembrando passagem do manifesto concretista:

“- campo magnético de possibilidades-como um objeto dinâmico, uma célula viva, um organismo completo, com propriedades psicofísicoquímicas tacto antenas circulação coração: viva.”

Dessa forma compreendi um ganho para os sentidos, perante a escrita influenciada pela poética espaço visual. Cria-se um novo campo de possibilidades de mediação entre a obra e o leitor.

Referências Bibliográficas

1. BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 6ª tiragem. São Paulo: ed. Martins Fontes: 2003. 173 páginas.
2. LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho*. Edição 1. Ed. Autêntica: 2011, p.149. 152 páginas
3. DE CAMPOS, Augusto; PIGNATARI, Décio; DE CAMPOS, Haroldo. *Manifesto Concretista: poesia concreta: um manifesto*. Edição 4. São Paulo: 1958
4. JUNG. Carl Gustav. Em BACHELARD, G. *A poética do espaço*. 6ª tiragem. São Paulo: ed. Martins Fontes: 2003. p 196
5. PRIBERAM INFORMÁTICA. Dicionário Priberam. <<https://www.priberam.pt/dlpo/porta>> Consulta realizada em 16 de novembro de 2017.

Referências Filmográficas

1. BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES. Dorothy Ann Blank; Richard Creedon; Merrill De Maris; Otto Englander; Earl Hurd; Dick Rickard; Ted Sears; Webb Smith. Walt Disney. 1937.
2. TOY STORY: UM MUNDO DE AVENTURAS. Joss Whedon; Andrew Stanton; Joel Cohen; Alec Sokolow. Walt Disney; Estúdios Pixar. 1995

Referências Musicais

1. LITTLE BOXES. Composição de Malvina Reynolds, Versão de Nara Leão. Coisas do Mundo. Gravadora Philips. 1969

Uma caixa bem na praça, uma caixa bem quadradinha

Uma caixa, outra caixa, todas elas iguaizinhas

Uma verde, outra rosa e uma bem amarelinha

Todas elas feitas de tic tac, todas elas iguaizinhas

As pessoas dessas casas vão todas pra universidade

Onde entram em caixinhas quadradinhas iguaizinhas

Saem doutores, advogados, banqueiros de bons negócios

Todos eles feitos de tic tac, todos, todos iguaizinhos

Jogam golf, jogam pólo, bebendo um bom martini dry

Todos têm lindos filhinhos bonequinhos engomadinhas

As crianças vão pra escola, depois pra universidade

Onde entram em caixinhas e saem todas iguaizinhas

Os rapazes ficam ricos e formam uma família

Todos eles em caixinhas, em casinhas iguaizinhas

Uma verde, outra rosa e outra bem amarelinha

E são todas feitas de tic tac, todas, todas iguaizinhas